

## II Domingo da Páscoa (12/04/2026)

### A alegria da fé

«Felizes os que acreditam sem terem visto». No Evangelho de hoje, Jesus enuncia uma nova bem-aventurança: a bem-aventurança da fé. São Pedro reafirma esta verdade ao dizer: «Sem O terdes visto, vós O amais; sem O ver ainda, acreditais n'Ele. E isto é para vós fonte de uma alegria inefável e gloriosa».

É feliz, portanto, aquele que crê em Jesus e se deixa habitar pela sua comunhão. Crer não é apenas acolher uma verdade fria, mas entrar numa relação viva, pulsante, com a pessoa de Jesus Cristo. São João, no Evangelho deste domingo, recorda-nos: «Estes, porém, foram escritos para acreditardes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus». A fé é reconhecer que Deus passou pelo meio de nós, que morreu e ressuscitou, e permanece. É crente quem percebe que Deus nos visitou no seu Filho Unigénito e que, mesmo após a cruz e a ressurreição, continua a respirar no mundo pelo seu Espírito.

No coração da fé não repousa um conjunto de ideias, mas uma presença — alguém que pisou a nossa terra: Jesus Cristo. E Ele veio não para si, mas para todos, para partilhar a sua vida como quem reparte o próprio amor. Crente é, então, aquele que sabe que recebeu vida no nome de Cristo, aquele que acolhe o Espírito Santo como fogo íntimo de transformação, como participação silenciosa no amor divino. É crente quem, no mistério inexprimível desse amor, intui que Deus está mais fundo em nós do que nós mesmos. E sabe que essa vida nova — oferecida por Cristo — é «herança que não se corrompe, nem se mancha, nem desaparece», nas palavras de São Pedro. E «esta herança está reservada nos Céus para vós, que, pelo poder de Deus, sois guardados, mediante a fé, para a salvação que se há de revelar nos últimos tempos». Assim, é crente aquele que sabe que já temos no Céu um coração de Pai à nossa espera.

Quem sabe que está constantemente envolvido pelo amor do Eterno Pai e que lhe está reservada uma herança de amor e de comunhão incorruptível possui fundamentos para a esperança e para a alegria. Pelo contrário, quem entende o mundo como fruto do acaso, governado por uma força cega ou apenas pelo arbítrio humano, carece de um fundamento último que sustente o sentido e, por isso, dificilmente encontra razões para a confiança e para a alegria.

Diante da instabilidade e da contingência, em que tudo parece poder desaparecer de um momento para o outro, aquele que não reconhece a existência de um princípio superior e ordenante do real vê-se exposto ao risco do desespero e da perda de sentido. Um ser humano que se concebe a si mesmo como absoluto e

autossuficiente, pretendendo ser o único senhor do seu destino, encaminha-se inevitavelmente para o vazio e para a autodestruição.

E um ser humano que vive sem experimentar o calor da proximidade do divino e sem sentir a presença dos outros permanece inevitavelmente marcado pela tristeza. A vocação do ser humano é relacional: realiza-se na comunhão com Deus e na abertura ao próximo.

Se o olhar de Deus e a carícia do outro forem sentidos como ameaça — como em Jean-Paul Sartre — a existência recolhe-se sobre si, encurva-se, e o seu horizonte de salvação torna-se sombra e distância; ou, como em Fernando Pessoa, quando em vez de Deus se chama pela «solidão» como «minha mulher» e a ela se pede o impossível — «que eu não seja triste» — então revela-se a condição de um ser que, fechado no seu próprio eco, procura no vazio aquilo que só na relação viva e na abertura à transcendência poderia, enfim, encontrar.

Uma vida assim, privada de comunhão e de graça, torna-se estéril e orienta-se, de modo quase inevitável, para o vazio e para o abismo.

Mas quem se abre à dimensão transcendente da vida abre também o coração aos outros e encontra, na comunhão e no serviço ao próximo, uma verdadeira fonte de alegria. Os Atos dos Apóstolos referem, na primeira leitura, que «todos os que haviam abraçado a fé viviam unidos e tinham tudo em comum» e «partiam o pão em suas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração».

Sentir a comunhão daqueles que partilham a mesma fé e a mesma esperança, e viver com os outros a alegria da fé, preenche o coração humano. É precisamente esta alegria da comunhão que falta a Tomé quando está afastado da comunidade e privado da presença do Ressuscitado no seu coração. Quando Jesus aparece aos seus, Tomé não estava presente. É também no seio da comunidade que ele reencontra essa presença, ao abrir-se à vida nova de Cristo, atravessando a noite da incredulidade até à luz da fé. E então diz Tomé: «meu Senhor e meu Deus».

Ser cristão, na certeza de se saber envolvido pelo amor de Deus e orientado pela esperança da eternidade, não suprime as dificuldades nem dissipa todas as incertezas, mas confere sentido à existência e abre horizontes de alegria e de esperança. Gravemos no nosso rosto os sinais discretos da bem-aventurança que nos vem do alto.

Ámen.

**P. Emanuel Brandão**